

# Mudanças de paradigmas realizados por mulheres negras na enfermagem

## Paradigm changes performed by black women in nursing

### Cambios de paradigma realizados por mujeres negras en enfermería

Valéria Joaquim de Oliveira Santos<sup>1</sup>, Jessica Gonçalves da Costa<sup>2</sup>, Fagner Alves Moreira Brandão<sup>3</sup>, Iel Marciano de Moraes Filho<sup>4</sup>

**Como citar:** Santos VJO, Costa JG, Brandão FAM, Moraes Filho IM. Mudanças de paradigmas realizados por mulheres negras na enfermagem. REVISA. 2022;11(4): 451-7. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v11.n4.p451a457>

# REVISA

1. Universidade Paulista, Campus Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0509-2405>

2. Universidade Paulista, Campus Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0003-1441-6827>

3. Secretaria Estadual de Educação. Goiânia, Goiás, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-9251-3625>

4. Universidade Paulista, Campus Brasília. Brasília, Distrito Federal, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-0798-3949>

Recebido: 22/07/2022  
Aprovado: 19/09/2022

Falar da enfermagem é entender que o significado de cuidar é tão antigo quanto a existência humana e esse conceito de existir leva a uma reflexão sobre o “ser” negro em uma sociedade. Para tanto, no tange a sua luta por liberdade, na árdua trajetória por mudanças de paradigmas, o contexto histórico mundial traz a luta negra contra a escravidão, cujo o negro escravizado era tido como objeto, emergindo em um cenário de exclusão social, discriminação e intolerância.<sup>1-2</sup>

Além disso, no período pós-abolição há uma reconfiguração social, pela qual, em tese, mudanças nas relações de trabalho aconteceriam e os escravos libertos se tornariam assalariados. Entretanto, esse panorama não existiu, visto que o mercado já era dominado por europeus. Na verdade, os negros não tiveram nem o vislumbre da inclusão social, trabalho digno ou educação. Sem falar na eugenia europeia que pairava pelos continentes, posto que o racismo era disseminado a passos largos e apregoava-se sobre a superioridade da raça branca em detrimento a outras.<sup>2</sup>

Nesse sentido, surgiram homens e mulheres que confrontaram esse sistema de estereotipação do negro e travaram uma batalha para a desconstrução cultural a qual foram impostos. Como exemplo dessas conquistas, aqui no Brasil temos a Constituição de 1988. Essa constituinte veio tentando atenuar essas diversidades existentes versando sobre a igualdade e princípios como dignidade da pessoa humana, um de seus objetivos fundamentais é promover o bem de todos, sem preconceito quanto a raça, cor ou sexo, além de ter sido o primeiro documento legal a tratar o racismo como crime inafiançável e imprescritível.<sup>3-4</sup>

Já com base nos relatos históricos sobre o processo de formação da história da enfermagem, poucas vezes se explanou sobre o protagonismo de mulheres negras, mesmo o contexto sendo centrado predominantemente no gênero feminino.

Fato que deixa uma lacuna sobre sua participação na assistência prestada desde muito antes da profissionalização, o que exclui contundentemente as vivências dessas mulheres na estruturação da história da enfermagem.<sup>5</sup>

Dentre várias enfermeiras negras que cooperaram com a enfermagem, Mary Jane Seacole, Mary Elizabeth Carnegie, Mary Eliza Mahoney, Lydia das Dores Matta, Izabel dos Santos e Ivone Lara são nomes que podem ser mais conhecidos. Mas ao observar o contexto em que cada mulher estava inserida e tiveram que permear até obter a identidade que possuem atualmente é legítimo supor que houve mudanças marcantes e significativas. Essas mudanças foram geradas por uma caminhada árdua, carregada de dissabores, discriminação e racismo pela qual tiveram que romper barreiras raciais e assim, contribuir com futuros profissionais, bem como o avanço da enfermagem.<sup>1,6-9</sup>

Primeiramente, uma mudança de paradigma realizado por essas mulheres foi no sentido da autoafirmação como seres humanos e não objetos ou utensílios de troca, uma frase que poderia soar sensacionalista, porém, historicamente é inegável. Dessa forma, desde que os negros foram submetidos a escravidão, tiveram que lutar e mudar conceitos, até mesmo a respeito de sua existência humana, uma vez que eram considerados como objetos, moeda de troca e raça inferior, além de selvagens e destituídos de capacidade intelectual.<sup>2,9</sup>

Ademais, as mulheres negras eram coisificadas, submetidas a trabalhos forçados e durante séculos usadas para todo tipo de exploração, sendo ainda consideradas como promíscuas, ou seja, ser mulher e negra não coadunava com o estereótipo estabelecido de ideal feminino e de pureza, atributos que sempre foram vinculados às mulheres brancas, singularmente as de elevado grupo social.<sup>2,9</sup>

Essa condição não findou com a abolição escravagista, mas perdurou com as influências da eugenia europeia, consubstancialmente racista, da qual proclamavam a inferioridade do negro em relação ao branco e que enxergavam na miscigenação racial uma doença social, e ainda, uma predisposição ao crime.

2

Fato esse que posteriormente, no Brasil, serviu de arcabouço para se promover o “branqueamento” da nação brasileira, no intuito de propiciar uma transformação na sociedade que, ao longo dos anos, com a miscigenação junto a pessoas de origem europeia, se tornaria em maior parte constituída por brancos, no intuito de aperfeiçoar a etnia brasileira e assim depreciar os negros na sociedade.<sup>2</sup>

Por conseguinte, referente ao termo mulher, embora usado de forma universal, existe um abismo no que tange à raça e à classe social que as distingue. Entre mulheres, vale destacar que as lutas e desafios não eram e não são os iguais, logo, as oportunidades não foram e ainda não são as mesmas, cada grupo de mulher difere entre si e cada qual possui suas devidas peculiaridades.<sup>9</sup>

Enquanto as mulheres brancas se mobilizavam no sentido de obter direitos iguais entre gênero, as mulheres negras lutavam, rompiam padrões e obstáculos para garantir o direito de serem reconhecidas também como pessoa.<sup>9</sup>

Concernente ao quesito educação, constitui-se outra grande barreira que foi transposta, porém ainda há muitos desafios para serem dissipados nessa área, já que a relação educação versus mulher, previamente configura um processo extenso. A propósito, se tratando de mulher e negra, o percurso foi ainda mais lento e penoso, devido à exclusão social. Além disso, a própria universidade foi um dos recintos que lhes foi negado e assim se estende aos dias atuais, pois ainda

é alarmante o contingente de mulheres negras que não tem acesso às universidades se for comparado às mulheres brancas.<sup>9-10</sup>

Ademais, apesar da discriminação e racismo envolto ao cenário das escolas preparatórias da época, onde estava implícito que candidatas negras deveriam ser evitadas, visto que não condiziam ao modelo branco estabelecido, mulheres corajosas ousaram desconstruir esse conceito e não somente os documentos registraram a permanência dessas mulheres negras nas instituições como também comprovaram que elas possuíam todos os requisitos necessários para se tornar uma profissional de enfermagem. Sem falar que essas evidências colocam por terra narrativas excludentes que caracterizavam as mulheres negras como ignorantes e sem capacidade intelectual, motivação que somava aos pretextos que eram utilizados para as desqualificar de forma natural.<sup>5</sup>

Impreterivelmente, adentrar no campo do saber é algo poderoso que rompe barreiras e abre novos horizontes, uma vez que refletir, questionar, construir conhecimento e propagá-lo, são fatores que integram a construção de uma identidade, descontruindo todo arcabouço de cunho racial/racista. E a educação é uma premissa básica para o acesso a uma melhor função ou cargo, para galgar espaço no mercado de trabalho que sem dúvida foi um grande desafio para as mulheres negras.<sup>9-11</sup>

Logicamente que esse desenvolvimento não é algo imediato, o obter conhecimento e reproduzi-lo é um processo demorado que demanda tempo e requer oportunidades. Nesse quesito, ainda que não plenamente, pode inferir que tem aumentado de forma progressiva o acesso das intelectuais negras às academias bem como paulatinamente as escritoras negras têm tido mais visibilidade e presença no campo literário, o que é valioso e configura indicativos de transformações no mercado.<sup>12</sup>

Em virtude dessa relevância, os movimentos sociais exerceram protagonismo com relação ao papel da educação. Nesse sentido, se destaca o feminismo negro, que diverge do movimento feminista branco, enquanto este se dedica a causas ligadas ao gênero, definindo a causa feminina como universal, aquele é pautado às coletividades de mulheres negras, na busca de desenvolver uma consciência da sua capacidade e de suas virtudes, da sua história, sua conjuntura social e política, condições necessárias para sua autoafirmação e superação dos desafios que lhes são imputados.<sup>3,13,9</sup>

Assim, o feminismo negro é resultado dessa tentativa de desvincular essa generalização da mulher, uma vez que elas nunca ocuparam o mesmo patamar. Aliás, uma questão de lógica, se ambas possuem demandas diferentes, não há como englobar somente o quesito gênero para tentar resolver todas as demandas existentes de grupos que possuem particularidades tão intrínsecas.<sup>3,13,9</sup>

Outro grande desafio foi romper o estereótipo da enfermeira padrão, uma vez que a profissionalização da enfermagem no Brasil aconteceu na primeira metade do século XX. Tal ocasião em que as demandas de saúde eram urgentes e precisava de um número considerável de profissionais para atender essa finalidade.<sup>14</sup>

Sob esse viés, a formação de um quadro de enfermeiras passou a ser uma prioridade para política de saúde pública da época, então, para suprir essa necessidade foi realizado um acordo entre o Departamento Nacional de Saúde e a Fundação Rockefeller (instituição norte-americana que teve grande participação na institucionalização da enfermagem na América Latina, atuando na concessão de bolsas de estudo para área médica e saúde pública contribuindo

para a formação de profissionais da enfermagem).<sup>14</sup>

Depressa veio ao Brasil a missão dirigida por Ethel Parsons, enfermeira norte-americana responsável pela criação da Escola de Enfermagem Ana Nery, que posteriormente se tornou referência para as demais escolas de enfermagem após 1930. Era chamada de missão, pois assim, a denominavam os pesquisadores quando se referiam a cooperação técnica para o desenvolvimento da enfermagem no Brasil (1921-1931).<sup>14</sup>

No entanto, o intuito estabelecido por essa e outras instituições que surgiram era de reformular e elevar os padrões da enfermagem, tornando-a mais elitizada. Para tanto, usavam critérios rígidos de seleção, as candidatas deveriam ser de boa família, religiosas, de caráter ilibado, dotado de cultura social, boa postura na sociedade, que pertencesse a alta classe urbana e ter formação educacional em escola normal, ou seja, professoras primárias, o que de certa forma favorecia às mulheres brancas.<sup>14,5</sup>

Porém, ainda que tentasse de maneira velada excluir mulheres pelo fato da cor, o racismo institucional já era manifesto, uma vez que até aceitavam a “enfermeira padrão” que fosse desprovida financeiramente, porém, negras não eram aceitas.<sup>14,5</sup>

Visto a composição da população brasileira e critérios tão rigorosos e excludentes, obviamente que resultaria em um déficit na composição de enfermeiras, o que de fato foi uma oportunidade para mulheres com outros atributos socioculturais, ou seja, negras e mestiças obtiveram a possibilidade de realizar uma mudança de status dentro da sociedade, uma vez que o nível superior técnico para mulheres ainda mais as não-brancas era raríssimo.<sup>14</sup>

Portanto, com a diversidade racial se fazendo cada vez mais presente, a saúde colapsando, os critérios de seleção foram ampliados e então candidatas de cor adentram nas instituições. Certamente que as segregações continuaram, o racismo ora velado foi tornando mais explícito, todavia, o fato de mulheres negras terem rompido o sistema, constitutivamente excludente, foi de fato uma ruptura de uma hegemonia preconceituosa, romperam com o estigma da enfermeira padrão.<sup>14</sup>

Ao traçar uma analogia, meramente simbólica, com relação a tão significativa contribuição e o cuidado na enfermagem, pode-se inferir que elas exemplificaram algo além do seu tempo, posto que nem as pessoas nem o cuidado na enfermagem podem ser padronizados.

Não raro, outro obstáculo que foi superado foi em relação à posição que a mulher negra ocuparia na sociedade, que muitas vezes parecia já estar pré-determinado. Factualmente, depois do fim da exploração racial, os ofícios que lhes eram destinados eram apenas os domésticos.<sup>9-11</sup>

Também, a própria enfermagem permeou por esse caminho, uma vez que a assistência e o cuidar eram vinculados a trabalhos domésticos, foi necessário a desvinculação dessa relação. Essas dificuldades foram enfrentadas mesmo após a profissionalização, um cenário que foi superado com posicionamento e resiliência por essas emblemáticas enfermeiras. Mesmo sendo um projeto que teve que ser traçado a longo prazo, não foi em vão, uma vez que a partir desses marcos, se conseguiu elevar o padrão, tal como o reconhecimento da enfermagem e assim, a valorização do enfermeiro.<sup>6</sup>

Entretanto, em dados obtidos no relatório final sobre o perfil da enfermagem no Brasil, pesquisa realizado pela Fundação Oswaldo Cruz e Conselho Federal de Enfermagem produzida em 2016 e divulgada em 2017,

relata que do total de 1.804,535 profissionais pesquisados há uma predominância ainda feminina.<sup>15,16</sup>

As estatísticas confirmam essa assertiva da qual 85,1% são mulheres e referente à composição da equipe 23% são enfermeiros, 77% são técnicos e/ou auxiliares de enfermagem. Com relação ao perfil cor ou raça dos enfermeiros 57,9% se consideram da cor branca; 31,3% pardos e 6,6% pretos. E, quanto a cor ou raça dos técnicos e/ou auxiliares 44,5% se consideram pardos, enquanto 37,6% se consideram brancos e 12,9% pretos.<sup>15,16</sup>

Em suma, ao realizar uma divisão da equipe que compõe a enfermagem, é possível verificar que a representação negra ainda é maior entre os técnicos e auxiliares do que entre os enfermeiros.<sup>15,16</sup>

Portanto, há de se refletir que o ambiente profissional ainda é hostil à mulher negra e concernente a isso, ainda hoje elas ocupam menos espaço em cargos de destaque e poder, contudo, em vista do preconceito e discriminação que as envolvem tanto com relação a gênero, como raça e classe desde os tempos históricos é um grande avanço o fato de encontrar mulheres negras ocupando algumas dessas posições que outrora seria inimaginável. Essas conquistas rompem a invisibilidade, ainda que não as torne menos dolorosas. Isso é resiliência, é romper com estigmas e criar conexões servindo de inspiração para próximas gerações.<sup>9</sup>

Diante de tantos fatos históricos, é inegável que os negros tiveram um importante papel na construção e consolidação da sociedade, sabe-se também que as profissões são estruturadas com a evolução do tempo, com as transformações de seus atores, porém, no caso dessas ilustres enfermeiras, que não tiveram a devida notoriedade, pode-se inferir que tiveram suas vozes e seu protagonismo silenciados, invisibilizados, logo, sua contribuição no contexto histórico da enfermagem para profissão foi negligenciado.<sup>2,5</sup>

Em virtude de todos os pontos que já foram explanados, é perceptível que todas as conquistas que essas mulheres obtiveram foi envolvida de muita luta e resistência. Desse modo, foram galgando espaços e se reafirmando na sociedade como parte integrante da história, porém, tamanho progresso não as eximiu de ainda conviver com o racismo estrutural que ainda permeia a atmosfera de muitas instituições e continua sendo reproduzido. Diz-se racismo estrutural, pois ele é estruturado, advém de uma composição que foi construída ao longo dos anos, que faz parte da estrutura social, dos sujeitos sociais.<sup>11</sup>

Vale ressaltar que existe um elemento ilusório que vaga no entendimento comum que no Brasil, por exemplo, por não ter tido uma segregação racial de forma radical, como no caso do *apartheid* (regime político segregacionista de raça, separava brancos e pretos, implantado na África do Sul por descendentes diretos dos colonizadores dentre eles holandeses, alemães e franceses, no intuito de criar uma sociedade perfeita, da qual eles eram a raça escolhida por Deus) não exista o racismo.<sup>2</sup>

Esse fato gera um desconforto na população que por consequência não aborda com frequência essa problemática e por vezes, quando fatos são expostos na mídia acreditam que são casos pontuais, o que torna o assunto algo difícil de perceber e enfrentar, pois encontra na sutileza uma maneira de se camuflar.<sup>2</sup>

Contudo, existiram e ainda existem personagens como as que foram referidas, que superaram extraordinariamente o racismo, o preconceito e a discriminação, e hoje, gradualmente tem suas histórias relatadas e suas vozes começam a ecoar em ambientes que outrora nem reverberaria, contribuindo,

portanto, para história da enfermagem. De certo, elas foram vítimas do racismo e da invisibilidade tanto na sua formação profissional como na historiografia, mas ainda assim, transmite um ensinamento com suas histórias, enfatizando que as diversidades existem, porém elas devem ser enfrentadas de forma consciente por cada um, rompendo os paradigmas.<sup>11,17,18</sup>

## Agradecimento

Essa pesquisa não recebeu financiamento para sua realização.

## Referências

1. Löw L, Oguisso T. Mary Seacole e Maria Soldado: enfermeiras negras que fizeram história [Internet]. *Cultura de los Cuidados: revista de enfermería y humanidades*. 2014;18(38):64-70. [citado 2022 set. 26] Available from: [http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/36985/1/Cult\\_Cuid\\_38\\_09.pdf](http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/36985/1/Cult_Cuid_38_09.pdf)
2. Pinto MCC, Ferreira RF. Relações raciais no Brasil e a construção da identidade da pessoa negra. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. 2014;9(2):257-66.
3. Carneiro S. Mulheres em movimento. *Estud. av.* [Internet]. 2003;17(49):117-33. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9948>
4. Brasil. Constituição. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal; 1988. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)
5. Campos PFS. História, mulheres negras e enfermagem brasileira. *REA* [Internet]. 2021;21(230):167-7. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/58389>
6. Spring K. Mary Eliza Mahoney [Internet]. National Women's History Museum. 2017; [citado em 2022 jul. 2]; Disponível em: <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/mary-mahoney>
7. Campos PFS, Carrijo AR. Ilustre inominada: Lydia das Dôres Matta e enfermagem brasileira pós-1930. *Hist. cienc. saúde - Manguinhos*. 2019;26 (1):165-85. Doi: <https://doi.org/10.1590/S010459702019000100010>.
8. Conselho Regional de Enfermagem- Seção São Paulo - COREN. 11 enfermeiras negras que fizeram história, mas não foram reconhecidas [Internet]. 2021 [citado em 2022 abr. 7]. Disponível em: <https://portal.coren-sp.gov.br/noticias/11-enfermeiras-negras-que-fizeram-historia-mas-nao-foram-reconhecidas>
9. Ramos D, Marhold LM, Weber VBPZ. Feminismo negro: um movimento que transformou a inserção de mulheres negras em âmbitos sociais e educacionais. *Revista Nova Paideia - Revista Interdisciplinar em Educação e Pesquisa* [Internet]. 2022;6(1):3-14. Disponível em: <https://ojs.nova.paideia.org/index.php/RIEP/article/view/139/157>.
10. Alcântara MS, Júnior PRS. Uma investigação sobre as trajetórias de mulheres negras na universidade pública. *Revista Amazônica*. 2020;XXV(2):127-163. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/amazonica/article/view/7767/5454>.

11. Mendes VS, Costa CS. Branquitude e branquidade na enfermagem brasileira: racismo sistêmico e perverso a serviço de privilégios às mulheres brancas. In: Anais do VI Congresso Nacional de Educação; 2019 out. 24-26; Fortaleza. Fortaleza: Conedu; 2019:1-11.
12. Andrade MP. Lélia Gonzalez e o papel da educação para o feminismo negro brasileiro. Revista Interterritórios. 2018;4(6):1-18. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/interterritorios/article/download/236738/29400>
13. Leal HM. A interseccionalidade como base do feminismo negro. Cad. Ética Filos. Polít. [Internet]. 2021;39(2):21-32. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/193639>
14. Boechat J. Mulheres negras romperam o paradigma da Enfermeira Padrão no início do século 20, revela pesquisa [Internet]. Manguinhos RJ: Casa de Oswaldo Cruz; 2020 May 13 [citado em 2022 jul. 14]. Disponível em: [https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1790-artigo-revela-como-mulheres-negras-romperam-o-estereotipo-da-enfermeira-padrao-no-inicio-do-seculo-20.html#!enfermeiras\\_historia2](https://coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1790-artigo-revela-como-mulheres-negras-romperam-o-estereotipo-da-enfermeira-padrao-no-inicio-do-seculo-20.html#!enfermeiras_historia2).
15. Almeida AH. Mulheres Negras e a Realidade da Enfermagem no Brasil. Núcleo de Assessoria, Capacitação e Especialização-Central de Material e Esterilização. 2020. Disponível em: <https://nascecme.com.br/2014/wp-content/uploads/2020/07/Artigo-Alva-Helena-de-Almeida.pdf>
16. Machado MH. Pesquisa Perfil da Enfermagem no Brasil: Relatório Final. Rio de Janeiro: Nerhus-Daps-Ensp/Fiocruz; 2017.
17. Campos PFS, Oguisso T, Freitas GF. Cultura dos cuidados: mulheres negras e formação da enfermagem profissional brasileira. Cult Cuid [Internet]. 2007; 22(1):33-39. Disponível em: [https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6630/1/CC\\_22\\_05.pdf](https://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/6630/1/CC_22_05.pdf)
18. Pereira MC, Oliveira MLC, Santos AM, Costa FCS, Calassa JQ, Arantes AA et al. Resgate histórico da enfermagem global, brasileira e goiana: uma revisão narrativa de literatura. IJDR. 2020;10(11):42239-42247.

**Autor de correspondência**

Iel Marciano de Moraes Filho  
Universidade Paulista  
SGAS SUL /Q 913 /CJ B00913. CEP: 7000-000-  
Asa Sul. Brasília, Distrito Federal, Brasil.  
[ielfilho@yahoo.com.br](mailto:ielfilho@yahoo.com.br)